

De dentro e de fora

CORREIO BRAZILIENSE

A receptividade que Fernando Henrique encontra na Inglaterra tem sido a constante nas viagens que faz ao exterior desde os tempos em que era ministro das Relações Exteriores de Itamar Franco. O Brasil tem sido visto cada vez mais como um país de peso estratégico, de importância crescente no cenário geopolítico internacional.

E não é apenas por ostentar o oitavo PIB do mundo, o que não é desprezível. O país, além disso, possui população expressiva, o que significa dizer mercado, e capital ambiental diferenciado, o que lhe garante assento em fóruns internacionais importantes. Meio ambiente é moeda de troca cada vez mais decisiva.

O grande adversário do Brasil tem sido ele próprio. Continua figurando em todas as listas mundiais de países violadores de direitos humanos, sobretudo pelo quadro crônico de concentração de renda. Que adianta ser o oitavo PIB (maior, por exemplo, que o da Espanha e próximo de superar o da Rússia) e deter o 54º lugar em

indicadores sociais, atrás de Goa e Ruanda?

O problema, claro, não começou ontem, nem se resolve com varinhas de condão. Fernando Henrique, ao tempo da campanha, acenou com reformas que, além de ajustar a estrutura do país ao figurino da globalização, promoveriam a redução das disparidades sociais. Até, agora, isso não aconteceu.

Os cinco dedos da mão espalmada, símbolo da campanha eleitoral, acenavam com moradia, emprego, educação e saúde. Bastava um dedo, o do emprego, para reduzir o drama, mas foi exatamente esse o primeiro a ser decepado pelos ajustes estruturais.

“A economia vai bem, mas o povo vai mal”, admitia, à época da ditadura, o general Médici. Pois agora ambos vão mal: povo e economia. A estabilidade do real está ameaçada por forças externas, sobre as quais o governo não tem controle.

Este o paradoxo: o país cada vez mais visível no cenário internacional, embora internamente

frágil e cada vez mais dependente de soluções externas. A crise asiática fez crescer a preocupação com o Brasil. Se quebrar, complica a crise internacional.

Fernando Henrique cumpre o papel de tranquilizar parceiros e recrutar investidores, valendo-se de estratégia semelhante à que adotavam os ministros da área econômica durante os governos militares: adverte que a quebra, facilmente evitável a partir do auxílio de nações amigas, seria desastrosa para todos — e não apenas para o Brasil. “Ajudem-me e evitem o mal maior”, é a frase-síntese.

O presidente é um excelente garoto-propaganda, que fala na língua do cliente e parece feito sob medida para os protocolos do poder. Os desafios internos, no entanto, são o seu calcanhar-de-aquiles. A questão social continua fora de sua agenda política e tende a se agravar com o cenário recessivo que o pacote fiscal projeta.

A sorte do presidente é que simplesmente não há oposição.